

Cruz e Sousa

*O poeta negro que enfrentou o preconceito
e se tornou um dos maiores simbolistas do mundo*

Godofredo de Oliveira Neto

Capítulo I

Um fim injusto

Sobre um leito de esterco e alfafa ressequida, um caixão longo, mal preso e oscilando em um vagão de carga destinado a animais. Dentro do rústico esquife, repousa o corpo de Cruz e Sousa, cuidadosamente acomodado por mãos piedosas na madeira bruta. Assim se encerrava a trajetória de um dos maiores poetas brasileiros do final do século XIX: transportado como uma mercadoria qualquer para o Rio de Janeiro, em um trem de carga. Era o dia 19 de março de 1898. Ele tinha apenas 36 anos.

Filho de escravos – sua mãe já alforriada –, sua existência terrena se findava em meio à pobreza e privações. Contudo, sua poesia, sofisticada e arrebatadora, ficaria como um legado imortal para a literatura brasileira, elevando-o ao patamar dos grandes nomes da arte universal. Para diversos estudiosos, Cruz e Sousa figura entre os três mais importantes poetas do Simbolismo, ao lado do francês Mallarmé e do alemão Stefan George. Essa avaliação foi feita pelo antropólogo e crítico francês Roger Bastide, em seu célebre artigo “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”. Embora seja sempre complexo estabelecer rankings na esfera artística, é inegável que a visão do intelectual francês — grande admirador da cultura brasileira — permanece relevante nos estudos nacionais sobre o Simbolismo e a poesia brasileira.

O trem que conduzia o corpo do poeta partira de Sítio, uma pequena cidade mineira conhecida por seu clima ameno e recomendada, à época, para o tratamento de doenças pulmonares. Foi para lá que Cruz e Sousa se dirigiu em 15 de março de 1898, buscando aliviar a tuberculose que já consumia seu corpo em estágio avançado. Permaneceu poucos dias hospedado no Hotel Amadeu, onde inúmeros enfermos tentavam amenizar os efeitos do mesmo mal, como registra R. Magalhães Júnior em *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Sua esposa, Gavita, acompanhou-o na jornada, enquanto os três filhos do casal permaneceram no Rio de Janeiro.

A escassez de recursos, até mesmo para as necessidades mais básicas, impunha ao escritor um sofrimento ainda maior, evidenciado na carta que enviou ao amigo Nestor Vítor: "17 de março de 1898. Meu caro Nestor. Cheguei sem contratempos no dia 16, às sete e meia da manhã, mas exausto da viagem. Não tenho nada de relevante a relatar. Tomo os remédios regularmente. Preciso urgentemente de dinheiro. Aqui é um lugar

muito agradável. Não te esqueças do dinheiro. Lembranças de Gavita. Teu, Cruz e Sousa."

Gavita, grávida então do quarto filho, relataria, mais tarde, que o marido em vários momentos urrava de dor e tinha alucinações. Olhava para os hóspedes e lançava-lhes versos dramáticos, poemas inteiros tirados dos seus livros, versos pungentes, tristes, pessimistas. A morte rondava, inexorável. A pele negra do poeta esmaecera, o sorriso franco que Gavita tinha conhecido se transformara em rictos de dor e de ansiedade.

Cruz e Sousa agarrava-se à arte e à esposa dedicada. O fim iminente embalava versos que o arfar sofrido – cada aspiração arranhava as feridas abertas dentro do peito – declamava. A sensibilidade e o vigor do poeta negro de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, não morreriam. O poeta bem o sabia.

Coincidentemente, o escritor catarinense morre em 19 de março de 1898, dez anos após a abolição da escravidão. Para um poeta do extraordinário porte de um Cruz e Sousa, devia ser fácil perceber o papel lúdico das letras e dos números. Parece que ele festejou a data oficial da libertação dos escravos. A tuberculose o alforriou, dez anos depois, da dor de ser um poeta pobre e negro em um país então ainda largamente intolerante e preconceituoso. Cruz e Sousa lutou. Lutou com garra e, entre choros e depressões, jamais perdeu de vista o compromisso com a arte. E esta é imortal. Não se sabe, claro, exatamente que versos o vate desterrense dizia em suas alucinações com voz rouca e trêmula. Mas bem podia ser o poema "Post mortem", incluído no seu livro *Broqueis*, publicado em 1893:

Quando do amor das Formas inefáveis
No teu sangue apagar-se a imensa chama,
Quando os brilhos estranhos e variáveis
Esmorecerem nos troféus da Fama

Quando as néveas Estrelas invioláveis,
Doce velário que um luar derrama,
Nas clareiras azuis ilimitáveis
Clamarem tudo o que o teu Verso clama.

Já terás para os báratros descido
Nos cilícios da Morte revestido,
Pés e faces e mãos e olhos gelados...

Mas os teus Sonhos e Visões e Poemas
Pelo alto ficarão de eras supremas
Nos relevos do Sol eternizados!

O poeta foi enterrado no cemitério São Francisco Xavier, no Rio. José do Patrocínio e os amigos Nestor Vitor e Oscar Rosa conseguem do Presidente da República Prudente de Moraes uma ajuda financeira para a cerimônia do enterro e para a família.

Os jornais do Rio de Janeiro noticiam com destaque o falecimento do “Poeta Negro”. Notórios intelectuais se manifestam. Coelho Neto tece-lhe elogios, Arthur Azevedo lastima o preconceito de cor que vitimou o poeta catarinense. Alphonsus de Guimaraens escreve um poema louvando Cruz e Sousa. Olavo Bilac escreve um belo texto no jornal sobre o poeta do sul em que analisa a questão racial e a arte: “(...) a sociedade não tem grande confiança nos sonhadores, sejam eles brancos, amarelos ou pretos (...). Cruz e Sousa foi um sofredor, que teve essa felicidade: não engoliu desesperadamente as lágrimas; cristalizou-as em rimas, cheias da sua paixão e do seu martírio”. As avaliações negativas foram rareando. Tasso da Silveira, referindo-se à persistência de algumas críticas sobre a poesia cruzesousiana nos anos 40, afirma que “são sem fundamento, tão patentemente filhas da miopia visual ou da má-fé, que, na realidade, a si mesmas se neutralizam”.

A glória começava depois de o primeiro punhado de terra se chocar contra o féretro soturno. Mas, como relembra Tristão de Athayde, – para quem Cruz e Sousa “é a figura mais humanamente universal de nossas letras” –, faltaram manifestações de Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Rui Barbosa.

Não era bem implicância desses grandes intelectuais, mas sim uma divergência estética e de visão de mundo, como veremos mais adiante. Divergências que, como costuma acontecer nesses casos, resvalam para diferenças pessoais. Dá muito bem para imaginar, entretanto, a dificuldade que deve ter sido para eles conseguir ignorar a beleza de um poema como “Antífona”, que abre o livro *Broqueis*.

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras,
De luas, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Como escreve Nereu Corrêa, a “originalidade de Cruz e Sousa não estava na estrutura e no ritmo dos versos (pois no fundo ele nunca deixou de ser um poeta parnasiano), mas nas imagens, na novidade do vocabulário, no atrito inusitado das palavras, nas aliteraões, nas tautologias, na musicalidade do verso, em todo aquele aparato verbal e imagístico que caracterizava o discurso simbolista”.